

**CERIMONIAL:**

Nesta noite de homenagens, e antes de começarmos as palestras, eu passo a palavra agora para falar aos presentes ao advogado Eduardo Seabra Fagundes.

EDUARDO SEABRA FAGUNDES:

Senhores integrantes da mesa, caros amigos, senhores e senhoras. É com grande honra, satisfação e emoção que a família Seabra Fagundes recebe essa homenagem ao meu pai. Eu falo no meu nome, no nome da minha mulher, do meu irmão, que está em viagem profissional ao exterior, Sérgio Seabra Fagundes, somos apenas dois filhos de Miguel Seabra Fagundes, e que ele infelizmente, ele vinha, mas, foi chamado ao compromisso que não pode deixar de atender. E eu acho que não preciso dizer aos senhores o significado que pra nós todos tem essa reunião, essa homenagem porque meu pai era um natalense típico: ele amava sua cidade e amava seu estado, ele era extremamente ligado ao Rio Grande do Norte, e a Natal em particular. Periodicamente, ele já morando no Rio de Janeiro, vinha a Natal para rever a cidade, esse povo acolhedor e eu posso dizer aos senhores que Natal foi a última coisa boa que ele fez na vida, uma viagem a Natal, porque ele voltou de viagem a nossa cidade e logo adoeceu, era uma enfermidade superável, problema circulatório sem maior significado, mas foi internado para tratá-la e contraiu uma infecção hospitalar. Ele poderia ter vivido mais, mas o significado disso é que ele voltava de Natal, a última coisa que ele fez foi visitar Natal.

Eu me sinto emocionado quando lembro isso, ele construiu a vida dele em Natal. Foi aqui que ele escreveu os três livros que o projetaram nacionalmente: “Controle dos Atos Administrativos pelo Poder Judiciário”, que ele lançou com 30 anos de idade praticamente, “A desapropriação do Direito brasileiro”, que ele escreveu logo depois, e “Dos Recursos

¹ Cf.: QUINTA JURÍDICA, 45, 9 set. 2010, Natal. Controle Judicial dos Atos Administrativos: Uma Homenagem ao Centenário de Miguel Seabra Fagundes. **Transcrição de áudio...** Revista FIDES, Natal, v. 2, n. 1, jan./jun. 2011. [palestra de Eduardo Seabra Fagundes]. Disponível em: <<http://www.revistafides.com/ojs/index.php/br/issue/view/3>>.

Ordinário de matéria civil”. Foram três livros que marcaram a literatura jurídica nacional, e me perdoem a imodéstia quando falo assim do meu pai, mas eu testemunhei o esforço dele. Natal naquela época era uma cidade extremamente agradável, pequena, na década de 30, na década de 40, meu pai viveu aqui até 1949. Então os vinte anos entre 30 e 50 foram os anos que ele produziu a sua obra sempre nesse ambiente de amigos, colegas, pessoas que o admiravam, pessoas com quem ele tinha o prazer de conviver. E ele como muitos sabem, ele ingressou no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro pelo quinto dos advogados, logo que o quinto foi instituído. Ele ingressou com apenas 25 anos, era um rapaz, muito jovem. E o tribunal como o quinto era instituição recente, foi da Constituição de 34, os componentes do Tribunal de Justiça daquela época eram prodeptos, magistrados que haviam percorrido as comarcas do interior do Rio Grande do Norte e haviam chegado ao tribunal já em final de carreira, alguns eu me lembro perfeitamente e digo o nome deles com muito respeito, que eram: o Dr. Virgílio Dantas, o Desembargador Antônio Soares, o Desembargador Sinval Moreira Dias, o Desembargador Canindé, o Desembargador Regulo Tinoco. Eram homens respeitadíssimos. O Tribunal, era um Tribunal extremamente sério, competente, meu pai sentia prazer em integrá-lo e os tempos eram outros, não havia o volume extraordinário de serviços que hoje assoberba nossa Justiça, de modo que meu pai tinha condições de manter o serviço em dia, e estudar, escrever. Ele quando ingressou no Tribunal pleiteou e assumiu a direção da Biblioteca do Tribunal e aí ele estava familiarizado com o que havia de mais moderno na literatura mundial sobre Direito Administrativo e ele, naquela época era mais fácil isso, importou livros da França, da Itália, da Inglaterra, da Espanha, de Portugal, dos Estados Unidos e transformou a biblioteca do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte numa instituição primorosa. E ali ele foi colher os ensinamentos para a sua obra, que mais uma vez me perdoem a imodéstia, mas uma obra extraordinária no cenário do direito brasileiro, especialmente do Direito Administrativo. Pode-se se dizer e isso não foi dito só por mim que o Direito Administrativo brasileiro era um antes do meu pai, e tornou-se outro depois dele. A inovação que ele trouxe ao direito brasileiro foi realmente uma coisa extraordinária. E ele começou a se projetar no cenário nacional ao julgar um caso que lhe foi levado, como desembargador, no qual ele participou como desembargador, ele não era relator, mas ele pediu vista, proferiu voto, voto no qual ele traçou a teoria, o perfil da teoria, do controle jurisdicional por desvio de finalidade, mas aqui naquela época não se tratava no Brasil. Esse acórdão logo foi publicado em revistas nacionais, a então capital da República, o Rio de Janeiro, e aí meu pai realmente ele se tornou uma figura conhecida no direito brasileiro. Era citada, sua obra era citada no julgamento do Superior Tribunal e realmente ele

adquiriu notoriedade a partir desse acórdão, que era uma questão de uma linha de ônibus, uma concessão de linha de ônibus de São José de Mipibu pra Natal ou coisa que o vale, era uma mais ou menos, o nosso especialista em Miguel Seabra Fagundes tá me apoiando. E realmente aquele acórdão é primoroso e ele passou a ser citado nos tribunais superiores como eu já disse até que foi designado pelo Tribunal daqui juntamente com o desembargador Sinval Moreira Dias para representar o Tribunal do Rio Grande do Norte no Primeiro Congresso Nacional de Desembargadores, foi promovido pelo ministro, depois ministro Edgar Costa que naquela época era presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal. E quando ele chegou ao Rio, naquela época as comunicações eram precárias, não havia televisão, o próprio rádio estava apenas começando, as comunicações eram muito precárias, enfim. E quando ele chegou foi recebido com surpresa, pensavam que vinha um ancião, um homem que tinha formado a sua bagagem doutrinária ao longo de décadas, e ele era um menino, tinha 30 e poucos anos.

E a partir daí começaram a insistir pra que ele fosse para o Rio de Janeiro, pra que ele se mudasse para o Rio de Janeiro, onde ele formou muitos amigos, meu pai formava amizades com facilidade, e ele terminou pedindo exoneração do cargo de desembargador, ele não se aposentou, pediu exoneração do cargo de desembargador, foi advogar no Rio de Janeiro. Ele voltou pra uma despedida muito emocionante no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, onde lhe foi outorgado o título de desembargador honorário, como ele não se aposentara ele não teria o título de desembargador se o Tribunal não tivesse lhe outorgado essa homenagem. E aí no Rio ele advogava intensamente, não pôde mais escrever obras como os três livros que já havia escrito. Ele escreveu conferências, artigos, enfim, palestras, uma série de obras, mas não livros porque a obra doutrinária básica ele a produziu aqui em Natal. Pelas condições que Natal lhe proporcionava, pelo ambiente acolhedor do povo norte-riograndense, do povo de Natal. Ele desembargador com 25 anos, amigo de todos os advogados, amigo dos juízes, amigo dos desembargadores, ele logo se afirmou como um magistrado imparcial, sério e que contrariava os interesses, inclusive dos seus mais caros e chegados amigos. E foi assim que ele se projetou e se notabilizou como magistrado exemplar. Ele era não apenas um jurista muito respeitado, mas era também um magistrado notável pela seriedade com que exercia a sua função.

Então vir a Natal receber essa homenagem é extremamente tocante pra nós filhos, parentes em geral. A família era uma família de classe média de Natal, meu avô era um professor de aritmética e funcionário da alfândega, vida modesta, muitos filhos, todos se sobressaíram no cenário nacional, alguns saíram muito cedo do Rio Grande do Norte, se tornaram menos conhecidos do que meu pai que foi o último a migrar para o sul, mas

Peregrino Júnior, membro da Academia Brasileira de Letras, e membro da Academia Nacional de Medicina, foi um médico notável, professor; José Crisanto de Seabra Fagundes, que chegou a exercer cargos importantes no serviço público federal, chegando até a ministro da aviação e obras públicas nos tempos idos; Armando Peregrino, vice-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Humberto Peregrino, general, professor do colégio militar. Enfim, é uma família que também carregava esse amor pelo Rio Grande do Norte, esse amor por Natal. Eu participava das reuniões de família no Rio de Janeiro, na casa ora na casa de um, ora na casa de outro, e pude testemunhar como as conversas deles, como as conversas dos irmãos volta e meia girava em torno de Natal e do Rio Grande do Norte. Aquilo foi de fato uma marca na família, como disse uma família modesta, meu avô fez extremo sacrifício ao formar todos os filhos, ele enviuvou muito cedo, meu pai ficou órfão de mãe com apenas 6 anos de idade, e foi um enorme sacrifício educar aquelas crianças e meu avô não voltou a casar e eles foram todos educados pela família, que era uma família com muitas raízes no Rio Grande do Norte, em Natal e no interior. Aquela região de Vila Flor, Vila Flor foi a origem dos Fagundes, foi uma cidade que marcou. Havia um tio de meu pai que tinha uma fazendola perto de Vila Flor, para onde eles iam no período de férias, de modo que o Rio Grande do Norte estava entranhado na família e no espírito do meu pai em particular porque é sobre ele que estamos falando aqui.

E o que eu tenho a dizer, o que eu tenho a transmitir é a enorme gratidão por essa homenagem, por essa lembrança da vida e da obra do meu pai há tantos anos longe do Rio Grande do Norte, e tantas pessoas se reúnem para ouvir falar dele e lembrar a vida dele e a sua obra que engrandeceu sim o Rio Grande do Norte. Meu pai, como ele tinha esse amor por sua terra, ele sempre se apresentava como norte-rio-grandense, onde quer que ele fosse ele falava não como advogado do Rio de Janeiro, mas como um jurista do Rio Grande do Norte. O nome dele ficou indelevelmente ligado ao Rio Grande do Norte pela postura que ele assumiu e ele nos transmitiu a mim e ao meu irmão esse amor pelo Rio Grande do Norte.

Eu periodicamente venho aqui, embora tenha saído muito criança ainda, mas eu sinto as minhas raízes aqui no Rio Grande do norte e isso me foi transmitido por ele, ele nos transmitiu esse amor pela terra natal, pela nossa terra natal. De modo que onde quer que nós estejamos, nós somos norte-rio-grandenses. Então, eu quero mais uma vez agradecer a iniciativa dos organizadores desta homenagem e aos senhores que aqui vieram para ouvir falar de Miguel Seabra Fagundes, o meu pai.

Muito Obrigado!

CERIMONIAL:

Esse cerimonial registra a presença da diretora do IPDP, Margarida Seabra; do Procurador-Geral do Estado, Luiz Antonio Marinho; de Omar Nogueira, chefe da Procuradoria da União no Rio Grande do Norte; e dos Procuradores do Estado Miguel Josino e José Marcelo Costa.